

RESENHA

O que é educação

What is education

Qué es educación

Carlos Alberto Vasconcelos

Universidade Federal de Sergipe – Brasil

Vando Kleber Santos Soares

Universidade Federal de Sergipe – Brasil

Nesta obra o autor se debruça a escrever sobre a pesquisa em educação e, para isso, desenvolve, em doze capítulos, um texto sob o prisma da pesquisa, da ciência e da educação, dispondo dos quatro últimos capítulos para tecer considerações de cunho mais técnico sobre a elaboração dos trabalhos acadêmicos, a exemplo da monografia. É uma valiosa contribuição para com aqueles que se interessam pela Educação, principalmente professores, para que aprendam a pesquisar, pois urge dar-se um tratamento científico à Educação.

No capítulo I, intitulado: *A educação*, Pereira conduz seu pensamento a partir da ascensão da tecnociência e toda a sorte de feitos que ela

tem produzido e brotará em um mundo cada vez mais globalizado. Nesse cenário, ressalta que cumpre à educação dotar os seres humanos de consciência e reflexão, de modo a não se tornar, mutuamente, dominados e dominadores influenciados por paradigmas, científicos ou não, equivocados, como o ainda presente positivismo – e todos os seus aparentados –, o qual fundamenta a chamada ciência moderna e que “levou o homem a não se construir e não se pretender sujeito, contribuindo para que, inversamente, não apenas se admitisse objeto, como também considerasse adequado assim proceder” (p. 15).

Valendo-se de sua experiência como professor de metodologia da pesquisa e como pesquisador, o autor expressa, no capítulo II, *A pesquisa*, sua preocupação com os limites temporários impostos às pesquisas, que priorizam, tão somente, os resultados, certificados e diplomas em detrimento da consecução dos processos para a aquisição do conhecimento. Segundo ele, é premente que se faça imperativo deixar de lado tais “distrações” se se quer almejar uma pesquisa de qualidade, ou seja, aquela que se destina à formação dos sujeitos. Outro fator apontado que incomoda particularmente as ciências humanas é que “as epistemologias, as teorias e os procedimentos metodológicos das ciências humanas não nos têm dado muita segurança, porque também não estão seguros de si mesmos.” (p. 22). Destarte, Pereira intenta dirimir questões relacionadas com os mecanismos da pesquisa, inclusive a relação da pesquisa com o pesquisador.

No capítulo III, Potiguara discorre sobre *A ciência* a partir de três termos: ciência, disciplina científica e método, dando especial ênfase aos dois últimos. Sobre ciência e/ou o fazer ciência, define a sua finalidade, que é a de interpretar o mundo, e para isso busca “organizar os dados recolhidos da realidade em conjuntos logicamente coerentes, e procura determinar as ligações existentes entre os fenômenos” (p. 26). Acerca da disciplina científica, o autor caracteriza-a por possuir um objeto, um método e um corpo conceitual; do objeto, traz à tona o conceito de objetividade, de sentido oposto ao de subjetividade, como é adotado

pela ciência moderna, ou seja, “na postura que adota o cientista de ver as coisas como as coisas realmente são” (p. 26). Nesse contexto, o método experimental ganha destaque: é imprescindível a experiência, a mensuração, para a confirmação dos fatos. Disso, o autor ressalta duas observações: a de que outra concepção de ciência se impõe na chamada ciência pós-moderna e de que é necessária a reflexão sobre a concepção de método.

O capítulo IV se destina à História da ciência e adverte que, na verdade, o que se tem verificado nesse âmbito refere-se tão somente à história das ciências físico-naturais, marcada fortemente pelo mecanismo newtoniano em que se enfatizam “mais as descobertas científicas do que propriamente refletir sobre a origem e o desenvolvimento desse tipo de atividade humana” (p. 31). Ao se organizarem dessa forma, impelem que as “demais ciências” busquem “critérios de cientificidade que acaba por reafirmar o estatuto epistemológico da ciência fisicalista” (p.32). Percebe-se que o autor assume o papel de defensor que reclama os direitos, mais do que legítimos, de todo o conhecimento anterior à ciência moderna, marcada pelo método experimental. A despeito da “história da ciência moderna”, a pós-modernidade lança mão em um novo olhar nas relações entre Ciência, Filosofia, Epistemologia e História das Ciências, e tem na figura de Thomas Kuhn a “lente de aumento”, ou ainda, a personificação de um paradigma, expressão cunhada por ele, consagrando à ciência “a ideia de que ela é um fato social e que difícil seria pensá-la sem essa categoria” (p. 34).

O autor inicia o capítulo V afirmando que a concepção de ciência na pós-modernidade carrega consigo a característica de “superação das dicotomias e da visão fragmentada” de ciência. Esta característica nomeia tal capítulo. No campo da educação, recorre à autora Regina Bochniak para tratar de interdisciplinaridade, cuja função se mostra indispensável para alcançar tal superação, definindo-a como atitude de superação de toda e qualquer visão fragmentada e/ou dicotômica que ainda mantemos de nós mesmos, do mundo e da realidade. Neste

ponto, Pereira considera que a interdisciplinaridade pode ser vista em três perspectivas diferentes: “como um ideal – a concepção de Regina Bochniak -, como atitude – de Ivani Fazenda – e como procedimento metodológico – adotada pelos epistemólogos. Mas independentemente da forma como a interdisciplinaridade pode ser tratada, o autor nos lembra que jamais se pode considerá-la de maneira “ingênua e superficial de integração de conteúdos ou da negação da identidade de cada uma das disciplinas científicas” (p. 40).

Ao considerar a educação apenas como uma prática, corre-se o risco de cairmos no senso comum e nas ideologias e desconsiderar o saber científico que deve estar por trás dessa prática, visto que “toda prática traz embutida em si mesma uma ou mais teorias, e toda teoria traz embutida em si mesma uma prática” (p. 42). É nessa linha de pensamento que o autor discute *A ciência da educação* no capítulo VI, em que considera a Pedagogia como ciência da Educação e se propõe a justificá-la como tal. Para isso, utilizando-se da caracterização de disciplina científica adotada no capítulo três, atribui à Pedagogia a Educação como seu objetivo; não identifica um método específico para a Pedagogia, assim como não há para qualquer ciência, tendo em mente que sua escolha depende do pesquisador e do seu propósito. Por fim, afirma que a pedagogia não possui um corpo conceitual definido, valendo-se dos conceitos de outras disciplinas científicas, aos quais deve-se atribuir devidamente significados apropriados.

Diante do contexto exposto, o autor exorta os professores para a função de refletir e questionar a sua prática frente ao papel social e profissional e à condição *sui generis* atribuída à educação pelas relações sociais, de trabalho, da mídia e da política, dentre outros.

Avançando para o capítulo VII, o autor expressa sua preocupação com relação ao *Projeto de Pesquisa* e na não disposição dos “alunos-pesquisadores” na sua elaboração, essa que é uma etapa fundamental para a consecução do trabalho de investigação. É equivocado não pensar nessa etapa de pesquisa, visto que “antes de começar a pesquisar, é preciso saber

pesquisar e, mais, o que se vai pesquisar” (p. 45). Nesse sentido, o autor pontua cada uma das etapas do projeto, a saber: o tema; a especificação e delimitação do problema, o qual deve ser único; a sua relevância, pessoal e social; os objetivos, diferenciando-os de objeto; a justificativa, ou seja, “o porquê dela (a pesquisa), no aspecto “contribuição para o desenvolvimento da ciência” (p. 47); o referencial teórico, ressaltando que o pesquisador faça leituras seletivas e se pergunte: “que argumentos sugeridos por um ou vários autores apoiam o meu trabalho?”” (p. 48); finalizando com algumas considerações sobre a metodologia, o cronograma da pesquisa e a bibliografia.

As orientações e recomendações adentram os capítulos finais: no capítulo VIII dá ênfase para se fazer *A leitura de textos filosóficos ou científicos*, ou seja, fazer uma boa leitura dos materiais levantados, bem como realizar anotações e resumos de todo material lido para facilitar, posteriormente, a escrita do próprio trabalho. No capítulo IX, relembra *Os elementos formais da elaboração da monografia*, e assim o faz, também, no X e XI, com *A estrutura técnica da monografia* e *A apresentação gráfica da monografia*, respectivamente, e por fim, lista vários conceitos pertinentes aos temas abordados no capítulo XII que denomina *Glossário*.

A despeito de apresentar capítulos curtos, o que permite termos um “lapso reflexivo” durante a leitura, Pereira oferece um texto claro e coeso dada a amplitude e complexidade que os temas pesquisa, ciências e educação possam suscitar. É evidente um encadeamento de ideias, em que pese certa superficialidade na explanação, que age como “gatilhos”, oportunizando a nós leitores e pesquisadores desfechar discussões, inclusive, acerca da nossa própria prática. O título do livro resume bem a sua essência, uma vez que provoca a partir de uma interrogação em que a pesquisa e educação dividem o mesmo espaço e, inevitavelmente, requerem, para sua resposta, ou “possível resposta”, o conhecimento dos saberes não apenas científicos, bem como seu processo de construção e suas imbricações, não dicotomizando teoria e prática.

Referência

PEREIRA, P. A. **O que é pesquisa em educação?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

Dr. Carlos Alberto Vasconcelos
Universidade Federal de Sergipe – Brasil
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação e Culturas Digitais (ECult)
E-mail: geopedagogia@yahoo.com.br

Mestrando Vando Kleber Santos Soares
Universidade Federal de Sergipe – Brasil
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
Técnico em Assuntos Educacionais na UFS
E-mail: vandokleber@yahoo.com.br

Recebida em: 23 de junho 2016
Aprovada em: 19 de agosto de 2016